

O LIXO DA VIDA E A POÉTICA DA VIRILIDADE: A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA MASCULINIDADE HEGEMÔNICA NA OBRA DE JOÃO ANTÔNIO

Mateus Fernando de OLIVEIRA *

- **RESUMO:** O presente estudo pretende contribuir com as discussões e reflexões sobre a construção ficcional das sexualidades na literatura brasileira. A contribuição deste trabalho se dá por meio de considerações sobre como se verificam aspectos da construção social da masculinidade hegemônica na obra do escritor João Antônio. Trata-se de uma análise do conto “Paulinho Perna Torta”, texto integrado à obra *Leão de Chácara*, segundo livro do escritor, publicado em 1975. A narrativa se passa na Boca do Lixo, em São Paulo durante a década de 1950 e expõe a trajetória do narrador-personagem homônimo desde os tempos de menino até a fase adulta, o que nos permite verificar na experiência e na *performance* do personagem elementos que contribuem para a formação de um perfil masculino que se pauta na expressão da virilidade e da violência como (re)afirmação da própria condição de homem. Paulinho Perna Torta é sem dúvida um dos personagens mais expressivos da obra de João Antônio, o que torna esta investigação pertinente. Este estudo é conduzido pelos trabalhos de autores como Connell & Pearse (2015), Nolasco (1996), Baubérot (2013), entre outros pesquisadores de gênero e sexualidade que contribuem para dar base argumentativa e referencial a este trabalho.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Construção ficcional das sexualidades. João Antônio. Literatura brasileira. Masculinidades.

A virilidade é um traço frequente nas obras de João Antônio, o conto Paulinho Perna Torta, possivelmente, trata-se de uma das produções que conseguem deixar isso mais claro. Narrado em primeira pessoa, Paulinho Perna Torta conta sua trajetória desde quando era um menino de rua, vítima da exploração e da indiferença social, até se tornar o afamado bandido Paulinho duma Perna Torta. No curso desta trajetória, pretende-se investigar os elementos que colaboram com a definição da formação do protagonista, considerando a contribuição expressiva de Laércio

* UEL – Universidade Estadual de Londrina – Centro de Letras e Ciências Humanas – Londrina – PR – Brasil. 86055-690 – mateusoliveira.letas@uel.br.

Arrudão, personagem que adota Paulinho ainda na infância e que representa uma grande influência na constituição moral do personagem.

Laércio segue os moldes do malandro brasileiro, vive da exploração de mulheres e da enganação alheia. Responsável por conduzir os passos de Paulinho, ensina a importância do poder e da ambição ao garoto. Nesse sentido, ao longo da narrativa, analisam-se questões que dizem respeito às masculinidades, como o poder e a virilidade dentro do repertório de aprendizado cultural masculino, conteúdos presentes nos “ensinamentos” de Laércio Arrudão. Verificam-se ainda outros pontos que aparecem nas entrelinhas do discurso, como a repressão às expressões de afeto e a aproximação das masculinidades marginalizadas com a violência, pontos que contribuem com a reflexão sobre o fardo da virilidade no cotidiano masculino.

A introdução do conto apresenta Paulinho como um indivíduo dotado de ambição e vaidade, alguém que sabe bem do seu lugar de origem e consciente do lugar aonde pretende chegar: “dei duro. Enfrentei. Comecei por baixo, como todo sofredor começa. Servindo para um, mais malandro, ganhar. Como todo infeliz começa.” (ANTÔNIO, 2002, p. 99). Durante a infância, conta que aprendeu o ofício de engraxate na intenção de alcançar certa dignidade, entretanto, ainda em processo de maturação, o menino Paulinho teve de lidar com a solidão por muito tempo: “aguentei muito xingo, fui escorraçado, batido e dormi de pelo no chão. Levei nome de vagabundo desde cedo. Lá na rua do Triunfo, na Pensão do Triunfo, seu Hilário e dona Catarina” (ANTÔNIO, 2002, p. 100). Desde cedo em contato com verbalizações agressivas e ações violentas, Paulinho Perna Torta representa um jovem em processo de formação em contato com a violência e o abandono, alimentando a própria frieza, sem qualquer conforto ou dignidade.

Observa-se o quanto é recorrente na narração o uso do verbo “aguentar” na primeira parte do texto. O narrador tece de modo singelo a definição do fardo da virilidade para si: ser forte e suportar: “aguentava muito frio nas pernas, andava de tênis furado, olhava muito doce que não comia e os safanões que levei no meio das ventas, quando me atrevia a vontades” (ANTÔNIO, 2002, p. 100). Na condição de pobre, vivia de vontades, não podia ter, e como “homem de verdade”, não poderia chorar por isso, teve de suportar, sem escolha, aguentava.

Os ensinamentos de Laércio, conforme mencionados anteriormente, são na verdade hábitos, ou seja, uma série de comportamentos viris que utilizam da violência para impor o poder sobre outrem. Esses ensinamentos são partilhados como estratégias de sobrevivência, incluem a malícia e a esperteza do malandro como forma de enganar para não ser enganado e o uso da força para impor o respeito almejado. Hábitos e práticas que educaram a postura de Paulinho, a fim de suportar a convivência conflituosa com malandros e bandidos, ensinamentos necessários para fazer do personagem “um homem de verdade”.

Vima Martin (2008) compara o texto em questão com a primeira obra de João Antônio “Malagueta, Perus e Bacanaço” (1963) e nos dá um panorama sobre a construção ficcional da sexualidade masculina nas obras do escritor, que, de acordo com esta análise, caracteriza-se por meio da virilidade e do desassossego da determinação de “como ser homem” impõe, essa determinação, conforme Martin, pauta-se no conhecimento que se tem sobre a questão: “nessas duas obras, que consolidam o estilo do escritor, a preocupação com o ‘conhecimento verdadeiro do homem’ a ser trabalhado ficcionalmente suplanta o que poderia ser apenas um registro superficial de suas atitudes e falas” (MARTIN, 2008, p. 52). Além desse ponto, a pesquisadora Telma Silva (2009, p. 171) tece considerações sobre a virilidade expressiva na narrativa analisada:

Em Paulinho Perna Torta (...) a preocupação com a virilidade é, também, uma constante. O menino “Paulinho” recém-iniciado nas coisas do amor, se aconselha com o malandro mais velho, espécie de tutor, Laércio Arrudão. Este é, aliás, um texto em que a nostalgia dá o tom. Assim como em *São Bernardo*, em que acompanhamos a agonia de Paulo Honório diante de sua inadequação ao “mundo moderno”, também Perna Torta sente que seus referenciais se desfizeram.

Compreende-se que a virilidade esteja ligada à masculinidade hegemônica, tendo em vista esse modelo de masculinidade concentrar a maior parte de suas ações em expressões viris, as quais norteiam o comportamento e as atitudes que se espera de um “homem de verdade”, todavia esse modelo de masculinidade ideal se mostra demasiadamente abstrato e ilusório, conforme testemunha Welzer-Lang (2004, p. 112): “a categoria homem caracterizava-se, assim como o Cristo na hóstia, por uma presença real, mas oculta”. Em outras palavras, a noção que se propaga como um modelo ideal de homem existe, mas, na prática, ninguém nunca viu.

Retomando a trajetória do personagem central, de início, o jovem Paulinho aprende a se beneficiar por meio da própria esperteza usando de práticas ilícitas como assaltos, furtos e enganações, entendendo que essas práticas eram necessárias para seu sustento, já que seus esforços com trabalho honesto acabavam por trazer a ele mais frustração do que dignidade: “eu, morto, entregava depressinha. Muita vez, na arrumação me furtavam o dinheirinho suado, arranjado no brilho dos sapatos. A devolução? Cobrasse e levaria safanão ou deboche” (ANTÔNIO, 2002, p. 103). Os espaços marginalizados, tais como a Boca do Lixo e outros locais transitados pelo personagem, trouxeram-lhe duras lições sobre poder e a expressão da força: quem pode bate, quem não pode, apanha. Nessas condições, reclamar não é uma opção.

Sem questionar coisa alguma, “Perna Torta” aceita a doutrinação do mentor: “o ensino de Arrudão quer meu bem” (ANTÔNIO, 2002, p. 129). Essa é a visão do protagonista sobre as lições que lhe foram transmitidas. Perna Torta entende

que, para ser um “homem de verdade” ou um malandro de primeira linha, precisa aprender a pensar somente em si, ser o homem contra o mundo para que prevaleça o seu querer sobre o dos outros e, assim, tendo por ambição conquistar tudo o que lhe foi negado outrora.

Ao longo da narrativa, verifica-se que, além das manifestações de força e poder, destaca-se também o desempenho como parte do conjunto da *performance* masculina do personagem, deste modo, o desempenho é determinante no momento de se impor, como afirma Sócrates Nolasco (1996, p. 21): “as exigências viris, de posse e poder, bem como ser assertivo e competitivo sexualmente, mantém os homens presos à questão do desempenho”. Exigências constantes de desempenho podem ser responsáveis pelas frustrações de tantos homens. Frustrações que não são compartilhadas entre outros, pois é comum nos círculos masculinos que haja julgamentos sobre o desabafo do outro, entende-se que a exposição torna o homem vulnerável por demonstrar fraqueza, assim sendo, as relações sociais masculinas são comumente marcadas pela ausência de diálogos profundos.

Nolasco (1996, p. 26) caracteriza essa ausência de diálogo como uma tentativa de anulação das próprias experiências interiores, algo que já vem da socialização dos meninos, do modo como aprendem a estabelecer suas relações sociais desde a infância; o pesquisador acrescenta: “no que diz respeito à socialização das meninas, percebemos que desde cedo uma inter-relação vai sendo tecida entre corpo, subjetividade e maternidade”. Meninos e homens são afastados dessa inter-relação entre corpo, subjetividade e paternidade; percebe-se, por meio de algumas passagens da narrativa, que a masculinidade hegemônica constrói maior ou somente a noção do corpo, como no caso de Paulinho, em que a força e a tentativa de suportar estão constantemente presentes, inclusive foram determinantes para superar a hostilidade dos espaços por onde passou. No conto, suportar/aguentar acaba por ser uma expressão sadia da virilidade, como se verifica.

A virilidade como característica de uma série de ações humanas é hiperbólica quando atrelada à masculinidade; na forma como é representada no âmbito das ações masculinas, no caso, das ações de Paulinho Perna Torta, a virilidade é sobreposta às experiências subjetivas e isso muitas vezes é também parte do cotidiano das masculinidades. Tal como a virilidade, a violência se insere no cotidiano masculino das mais diversas formas, pois, conforme se verifica na narrativa, homens aprendem a fazer uso da força para impor respeito.

Laércio tornou Paulinho um malandro aos seus moldes: “manicuro as unhas, ajambro com panos ingleses, fumo charuto holandês e a crônica policial comenta com destaque porque declarei, dia desses, que minha marca é só Duc George” (ANTÔNIO, 2002, p. 146). A fala de Paulinho Perna Torta, em tom assertivo, é marcada pelo discurso sem sentimentalismos, a constante tentativa de afirmar a postura de um sujeito homem, frio e inabalável.

Em contrapartida, ainda que intermitente, a solidão é um elemento presente em “Paulinho Perna Torta”, o que concorda com a adjetivação de Tânia Macedo (2002) ao redefinir os personagens de João Antônio como os “malandros tristes”. Embora o discurso do personagem conduza à imagem de um ser viril e violento, a solidão o assombra e o fragiliza, a narração permite escapar algumas passagens que expressam a maior dor do homem: “onde muita vez eu curti dor de dente sozinho, quieto no meu canto, abafando o som da boca, para não perturbar os outros” (ANTÔNIO, 2002, p. 102). O personagem aceita a solidão como parte da própria sina, porém silenciar isso parece ser uma tarefa bastante difícil.

A definição do espaço nas narrativas de João Antônio é fundamental, pois seus textos conduzem o leitor à perspectiva do personagem que comumente é alguém que percorre e observa avidamente cada espaço ao seu redor, como se pode constatar em algumas passagens do conto, oferecendo uma noção do contexto histórico-social de ambientes promíscuos e marginalizados, onde a violência é parte do repertório tradicional. Nesse sentido, Adélcio de Souza Cruz (2009, p. 100), ao desenvolver estudos sobre literatura e violência, caracteriza os ambientes periféricos presentes nos textos de João Antônio como subúrbio, destacando a distinção entre esse espaço periférico e as favelas. O subúrbio inclui como representantes os “remediados”: a baixa classe média, composta por malandros e por operários: “sua narrativa se desloca pela caserna, por bares frequentados por malandros, jogares de sinuca, operários, revelando, por conseguinte, espaços eminentemente ‘reservados’ à masculinidade”.

São diversos os espaços percorridos por Paulinho Perna Torta, na maioria, trata-se de ambientes hostis: “o Bar do Porco era velho e fedida; era muquifo de um português lá onde, por uns mangos fuleiros, a gente matava fome, engolindo uma gororoba ruim, preta. Mas eu ia” (ANTÔNIO, 2002, p. 105).

Telma Silva (2009) aborda a relação dos personagens de João Antônio no cotidiano brasileiro para além da ficção, a pesquisadora destaca a postura do escritor ao defender a “vida real” como princípio de sua ficção, algo responsável pelo lirismo de seus textos, tanta que a autora considera a segunda parte do conto, “Zona”, como o momento de fluidez sentimental do personagem:

[...] em grande parte desse trecho intitulado ‘Zona’, o malandro narra suas idas e vindas pela cidade. Temos, então, seus sentimentos cartografados por meio das paisagens urbanas. [...]

Os passeios de bicicleta são os momentos singulares de leveza e liberdade experimentados pelo protagonista: “pedalando, curtindo as descidas, ele sente o sol, o vento tocando seu rosto e se vê como parte do mundo”. (SILVA, 2009, p. 80).

A passagem destacada é um dos poucos momentos em que Paulinho se afasta dos ambientes cercados por masculinidades em disputa, todavia é a partir dessa segunda parte que se constroem as reflexões mais significativas no que concerne às masculinidades, pois é quando Paulinho Perna Torta se propõe a descrever Laércio Arrudão e relatar seu convívio com ele, sem apenas mencioná-lo meramente. É esse convívio que vai ditar a postura e o comportamento do personagem e vai aos poucos moldando o malandro.

Ainda jovem, Paulinho nutre imenso respeito por Laércio, um afeto sigiloso, afinal, é quem o acolhe ainda menino e o concede abrigo e instrução: “pela primeira vez eu morava em algum lugar” (ANTÔNIO, 2002, p. 111). Laércio se torna uma espécie de tutor do inexperiente Paulinho e assume para si a missão de torná-lo um “homem de verdade”.

Enquadram-se esses ensinamentos como doutrinação masculina por apresentar caráter hegemônico, fundamentado em uma concepção arcaica de masculinidade, atrelada à virilidade, à violência, ao poder, ao desempenho e ao sucesso. Dessa forma, destacam-se as considerações do historiador Arnaud Baubérot (2013) sobre a virilidade como um processo: “nenhum destino biológico, psíquico, econômico é capaz de definir a forma que assume dentro da sociedade o macho humano” (BAUBÉROT, 2013, p.189). Conforme o pesquisador, o que chamamos de viril nada mais é do que um produto intermediário entre o homem e o super-homem.

Connell & Pearse (2015) contribuem para a consolidação dessa visão ao afirmar que ser homem ou ser mulher não se trata de uma condição predeterminada, mas sim de uma condição em andamento, um processo de formação: “embora as posições de homens e mulheres não sejam simplesmente paralelas, o princípio também é verdadeiro para os homens: ninguém nasce masculino, é preciso tornar-se um homem” (CONNELL; PEARSE, 2015, p. 38). Dentro dessa lógica, “ser homem” significaria corresponder somente às expectativas que a definição de “homem de verdade” impõe, um rótulo vago, impreciso e repleto de preconceitos e estigmas. É nessa perspectiva que se compreende a construção da virilidade e da violência como expressões da construção ficcional da masculinidade hegemônica no texto de João Antônio.

Segundo Bourdieu (2002), a virilidade torna os homens prisioneiros sem perceberem tal condição, pois estão limitados a um “dever-ser” que implica a execução constante de ações que demonstrem e reafirmem o que é ser homem, concebendo força e violência como referências para a reafirmação. A colocação de Baubérot (2013): “não se nasce viril, torna-se viril” é pontual e pode ser afirmada em Paulinho Perna Torna: o menino amedrontado aprende com Laércio a expressão do poder, o que pode fazer dele um homem de verdade.

Ainda jovem Paulinho vai morar na zona, enquanto Laércio passa a instruí-lo, a fim de que o jovem possa conquistar ascensão e prestígio social. Passeia de bicicleta pelas ruas de São Paulo, para além da Boca do Lixo, nesse momento

revela-se a passagem de maturação do personagem; Paulinho Perna Torta, agora adulto e experiente, toma lições de seu mentor sobre como explorar a mulher a seu gosto: “com essa história de enganar Ivete nas horas, ganho um monte de tempo. Horas. E zanzo demais por aí, em cima da minha magrela” (ANTÔNIO, 2002, p. 113). Ivete é a companheira de Paulinho; como prostituta, Ivete é ainda a fonte de renda do malandro.

A masculinidade hegemônica, conforme Connell & Messerschmidt (2013), é o modelo de masculinidade tradicional ideal, que determina as diretrizes para a formação de um “homem de verdade”. Esse modelo prega a garantia do poder masculino sobre a mulher por meio da submissão. No conto, a submissão toma a proporção de exploração, pois, além de condicionar Ivete à prostituição, possui controle de todos os seus rendimentos.

Nesse contexto de época e de condição marginalizada, aparentemente é relativizado o fato de um homem ter a prostituição de sua companheira como fonte de renda. Paulinho aprende com Laércio que não há necessidade de trabalhar se tiver por onde fazer dinheiro. Deste modo, Ivete é a exploração de renda de Paulinho, compreendendo as atividades da companheira como um dever, sem a mínima compaixão ou solidariedade às condições que submete a mulher:

Firma o corpo, chama os homens, levanta o dinheiro. Mango por mango, ali. Pelo quarto-quinto freguês, está englobada de cansaço. O corpo querendo afrouxar. Mas firma e vai valente. Outra vez Ivete mete um tóxico na cabeça. Otedrina misturada a espasmo de Cibalena ou qualquer primeiro barato que encontra na farmácia. Coraçõzinho ou baratinho, maconha ou picada de injeção. Tanto faz. Todo barato é um incentivo quando uma mulher tem vontade e um homem para sustentar. (ANTÔNIO, 2002, p. 115).

O aprendizado de Laércio deu a Paulinho o conforto de não ter que se esforçar por seus objetivos, tratando-se apenas de uma questão de controle: manipular a mulher para obter os bens almejados, conforme ensinava Laércio Arrudão: “pede, meu. Ela dá a grana. Mulher gamada dá tudo. Parte pra qualquer negócio” (ANTÔNIO, 2002, p. 117). Trechos como esse em destaque expressam a condição de domínio do homem sobre a mulher, as falas de Laércio conduzem à ficcionalização do discurso da masculinidade hegemônica não como defesa desse modelo hegemônico de masculinidade, mas considerando que a literatura é terreno fértil para situarmos o cotidiano e confrontá-lo, pois se trata de um simulacro da realidade; ainda que fragmentado, poderia facilmente ser parte de um relato real, pois a exploração e a opressão são presentes e frequentes.

Toda uma literatura crítica dedicou-se a decodificar a maneira pela qual meninos, ao longo de sua infância e adolescência são levados a interiorizar formas de

pensamento e maneiras de agir que os preparam à tomada de posição nos encaideamentos das relações de poder e de dominação. (BAUBÉROT, 2013, p. 190).

Ao observar o incentivo à virilidade como transmissão de cultura, torna-se possível verificar a forma como as instâncias de socialização, ou até mesmo instâncias educativas, incentivam o compartilhamento de estereótipos viris, o que implica a análise dos “mecanismos de produção e de transmissão do hábito viril” (BAUBÉROT, 2013, p. 190), algo aplicável ao que é retratado no conto de João Antônio. À vista disso, considera-se a transmissão de hábitos viris como determinante na disseminação de discursos de ódio e de ações opressoras, o que não se limita à ficção, mas alcança uma série de acontecimentos cotidianos.

A violência é um elemento expressivo no ambiente marginalizado, semelhantemente ao comportamento hostil. Examina-se na narrativa a violência como uma linguagem própria que impacta e escolariza rapidamente, o que resulta a seguinte equação: Paulinho é ofendido, mais tarde, ofende; até que logo aprende que, segundo seu mentor, é à base da violência que se impõe o “respeito”:

Uma criança. Um dia de cabeça quente, boquejei com Laércio, pedi-lhe uma luz. O mulato me zombou e ouvi xingo, esculhambação, desconsideração. Fiquei desengonçado como um papagaio enfeitado. Entendendo nada.

- Também... Você deixa a gringa lhe fazer gato de sapato. Dá-lhe um chalau, seu trouxa! (ANTÔNIO, 2002, p. 120).

Medo trajado de respeito, partindo do discurso verossímil que dissemina a concepção de que um homem precisa saber corrigir sua mulher, ou melhor, precisa colocá-la em seu lugar. Os altos índices de violência doméstica e feminicídios no Brasil sugerem que a noção de “correção” ainda se perpetua na sociedade, o uso da violência em nome da (ilusória) honra masculina.

O brilho de simpatia nos olhos de Laércio Arrudão começou por me ensinar que quem bate é o homem. E manda surra a toda hora e fala pouco. Quem chega tarde é o homem. Quem tem cinco-dez mulheres é o homem – a mulher só tem um homem. (ANTÔNIO, 2002, p. 120).

Colocando em questão a condição de Paulinho como alcaguete e do exercício violento de “correção”, podemos reflexionar as ponderações de Kalifa (2013, p. 324) sobre a violência de cafetões para com prostitutas, observa-se: “a correção pode chegar até a morte, cuja exemplaridade está supostamente garantida na obediência das garotas. Porém, o bom cafetão sabe machucar sem danificar”. São posturas tóxicas que se disseminam para além do prostíbulo e que socialmente

desresponsabilizam o homem, justificando suas ações como formas de corrigir e/ou punir, itens inerentes à visão patriarcal.

“Se tenho coração é para coisas do meu gasto”: a anulação dos afetos

A determinação do indicador masculino limita as expressões de masculinidades a um repertório pré-definido de postura, aparência e força física. Nessa perspectiva, a ausência de algum desses atributos é o suficiente para desqualificar e/ou julgar como menor a masculinidade do outro.

Os princípios de honra e potência, também elementares ao patriarcado, são distorcidos, pois, conforme Kalifa: “o homem respeitará a palavra dada, ele não ‘murchará’ diante do perigo ou do combate” (KALIFA, 2013, p. 310). É interessante perceber que nessa perspectiva a honra não está ligada à moral, já que não pretende discernir ou analisar situações com senso de justiça, mas atender a interesses individuais. É como se “ser homem” fosse sobre não hesitar diante de uma situação de perigo, ou nunca demonstrar fraqueza.

A ideia de força e potência acaba por ser um processo de anulação das experiências interiores do homem, conseqüentemente, a frieza e o afastamento da sensibilidade contribuem para a propagação dos estereótipos, como afirma Sócrates Nolasco (1996): “o machão, o homem educado, o menino que não reage a brigas, enfim, hoje, qualquer um destes tipos recebe um olhar inquisidor que põe em dúvida sua preferência sexual” (NOLASCO, 1996, p. 18). Práticas como essa incentivam a tentativa de anulação dos sentimentos por parte dos homens, como o faz Paulinho Perna Torta.

A potência está ligada ao desprezo pela mulher, com exceção da própria mãe (já que se trata de uma figura santificada nesse contexto). Homens são instruídos desde meninos a não se apaixonar, a buscar antes de tudo atender ao seu desenvolvimento profissional e pessoal, enquanto mulheres são geralmente conduzidas ao casamento como primeiro plano. O contato com o sentimento amoroso não é de todo anulado, como afirma Kalifa (2013, p. 312): “o amor, claro, não é desconhecido neste mundo. Mas ele deve permanecer nos limites que impõe a condição do macho”.

A anulação da sensibilidade como estratégia contra a vulnerabilidade sentimental é o que caracteriza o processo de construção textual da virilidade na ficção de João Antônio. Diante da frequente negação dos sentimentos, a melancolia se acentua na narrativa, suficiente o bastante para que o tom melancólico de diversas passagens possa ser um indicador da frustração, a ponto de podermos afirmar a intranquilidade de Paulinho Perna Torta diante do desencanto da própria condição, nem sequer se permitiu viver como uma pessoa comum, tanto que conclui o estágio de maturação viril tornando-se um homem frio, egoísta e apático.

O personagem Laércio Arrudão permite-nos perceber a eleição de modelos masculinos que servem de referência para outros, mais ainda a romantização

em torno da figura do malandro, o que se destaca na perspectiva do narrador, descrevendo-o quase que como um herói: “dono da bola, sua palavra tem peso de lei. Canta de galo aqui e não trabalha. Fiscaliza. Faz a fêria, pede o livro. Dar ordens é com ele. Os malandros ficam à sua roda ouvindo, aprendendo e adulando” (ANTÔNIO, 2002, p. 126).

Laércio confirma sua posição na hierarquia explorando mulheres, roubando, apostando e fazendo uso da violência sem o mínimo pudor ou compaixão, tudo apenas para manter-se em posição de privilégio: “saber se servir dos músculos e dos punhos. Esta é, com toda evidência, a capacidade decisiva, aquela que faz ou desfaz as reputações, alimenta as ‘façanhas’, confirma a hierarquia” (KALIFA, 2013, p. 308).

A zona acaba em ruínas, após denúncias o lugar é invadido pela polícia e as cenas que seguem são de muita violência, descritas em períodos curtos, lançando ações rápidas e brutais: “carnes se desmancham, braços e pernas. Dez-doze mulheres. Braços, pernas. Os cadáveres ainda ardem” (ANTÔNIO, 2002, p. 140).

Na ocasião, alguns dos bandidos conhecidos por Paulinho foram mortos, outros presos, dentre eles o próprio Paulinho no momento em que cometia um assalto: “Peguei um espeto atravessado num ônibus Avenida quando mandava o couro do bolso de um otário. Caí na Detenção” (ANTÔNIO, p. 2002, p. 142). De acordo com o personagem, o destino dos malandros é sempre incerto, mas a passagem pela cadeia é quase que um rumo indiscutível, com Paulinho não seria diferente.

Mesmo como detento, o narrador-personagem persegue vantagens e se compreende superior aos demais. Para ele, é um novo espaço conquistado e assim se fortalece: “sou juiz da cela do terceiro pavilhão – o lugar especial dos perigosos. Aqui corre maconha, tóxico, cachaça e carteadado. Afino mais o meu joguinho: lá fora, em liberdade, há trouxas; aqui é só malandro” (ANTÔNIO, 2002, p. 143).

Encarcerado, Paulinho se pronuncia de maneira soberba, mantém a postura do malandro inabalável, aquele que não hesita, pelo menos é o que procura demonstrar por meio do seu ar de grandeza. Segundo Courtine (2013), a virilidade possui uma face oculta: a fragilidade. O homem inabalável é o mesmo que diz não entender de afetos, que se esquiva para não transparecer sentimentos: “esta hora da tarde de domingo é uma tristeza besta, eu sinto falta do corpo dela. Distribuo ordens. Que me traga um advogado” (ANTÔNIO, 2002, p. 143). Sucumbir aos sentimentos seria uma forma de vergar a postura inabalável, e voltar atrás não faz parte do repertório de opções da masculinidade hegemônica. Palavra dita é palavra imposta, em consequência, sofre em silêncio, o preço do orgulho é a sensação de pequenez, de incompletude que se demonstra em trechos como:

Eu lhe via o começo dos peitos e adoraria falar. Mas não conseguia engrolar nada. Tinha um bolo na garganta, atravessando tudo. Estava bem entevado

(...) “Seu merdinha” Acordei quebrado, uma dorzinha em tudo no corpo; criei coragem e fiz a besteira. “Sabe mina? Foi a primeira vez”. (ANTÔNIO, 2002, p. 118-119).

“De 53 pra cá”, a última parte do conto, sugere as mudanças sociais do período. Paulinho Perna Torta, agora um “bandido de respeito”, gradualmente conquista cada vez mais dinheiro e poder. No entanto, revelam-se as reflexões nostálgicas do protagonista, mais uma vez a melancolia se instaura e a ausência de tudo o que não viveu passa a incomodá-lo. Amiúde pensa em como a vida poderia ter sido diferente, como seria se tivesse se envolvido com alguma das garotas do comércio, porém tudo agora é distante e improvável, compreendendo que resta a ele apenas seguir com a vida que escolheu.

O desfecho da narrativa é marcado pela reavaliação que o personagem faz da própria vida em passagens anteriores. Em tom nostálgico, Paulinho Perna Torta põe-se a refletir sobre os caminhos que sua vida não tomou. Afetos que surgiram, mas que foram aos poucos reprimidos por ele, ou até mesmo refreados por Laércio Arrudão, como na passagem:

Joga-me na cara que sou um trouxa, um coiό muito pacato, tenho uma mulher só, perco tempo andando na magrela pra baixo e pra cima, tenho essa mania besta de namorar meninas honestas que trabalham nas lojas da rua José Paulino. (ANTÔNIO, 2002, p. 129).

As reflexões tardias, os afetos roubados, ou simplesmente entregues, passam a ser cada vez mais constantes. Paulinho esteve cego pela ambição, mas o passado não se recupera e isso o atordoa. De volta à Boca do Lixo após dois anos e duas semanas preso, Paulinho consegue a liberdade graças a Laércio Arrudão. Investe no jogo e na macumba, entretanto o foco sobre a exploração de mulheres permanece, mas dessa vez como dono do prostíbulo, atuando como responsável por todo o investimento e exploração: “adoço um judeu proprietário e arranco o aluguel de um casarão da rua dos Andradas, Boca do Lixo. Meto, exploro oito mulheres lá. Dois mil e quinhentos mangos é a diária” (ANTÔNIO, 2002, p. 146).

Paulinho se torna um sujeito bem sucedido financeiramente e garante a almejada ascensão social, além de desfrutar do prestígio da fama: “sou tratado como doutor, jornalistas me adulam. E nessas umas e outras me estendem convites. Com as equipes esportivas dos jornais e dos rádios, conheço a Argentina, o Uruguai e o Peru” (ANTÔNIO, 2002, p.147). Paulinho Perna Torta é o resultado do que uma sociedade machista é capaz de formar. Viril, violento e sem pudor, um homem sem o menor sentimento de culpa por carregar sangue nas mãos; na perspectiva do mesmo, o sangue oferece ainda mais prestígio e credibilidade ao seu nome:

O malandro Valdão, chamado também de Valdãozinho, ex-boxeador e meu empregado na colheita da taxa de proteção às mulheres, me faz uma safadeza. Entrega Paulinho Perna Torta ao DI e vai à crônica policial fornecer reportagem sobre o *intocável* das bocas. Tenho uma crise e quero a cabeça do cagueta (...) Às três e meia da manhã, trago minha cambada, faço a invasão do Restaurante Tabu, *fecha-nunca* da rua Vitória, ponto de aponto da malandragem baixa. E apago, a tiros, o safado Valdão (...) O valente Paulinho duma Perna Torta vai para as primeiras páginas. (ANTÔNIO, 2002, p. 140).

A menção que faz de si – “o valente [...] vai para as primeiras páginas” – mostra a ausência de qualquer sentimentalismo ou compaixão; ao exterminar seu rival, Paulinho Perna Torta sente que recupera o valor de sua honra. Como se não bastasse matá-lo, trama ainda uma emboscada para todos os comparsas de Valdão: “engessei a curriola de bocudos e fiz bem. Essa cambada anda precisada de um pouco de cadeia para saber o que é a vida” (ANTÔNIO, 2002, p. 149), após isso é obrigado a se ausentar da Boca do Lixo e passa a viver escondido em Curitiba.

Rompendo com as expectativas conduzidas pela narrativa de que a qualquer momento se daria mal, o leitor se depara com Paulinho duma Perna Torta absoluto: detentor de poder e muito dinheiro, uma figura influente, nome de respeito no meio da malandragem, porém dono de uma desordem interior que sequer consegue explicar: “às vezes, penso que é uma onda besta que está me tomando. Desguio-me dela, meto maconha, engulo uns copos. Mas hoje, eu tenho medo é de sair à rua sozinho”. (ANTÔNIO, 2002, p. 152). A insatisfação toma conta dele logo quando deveria ser o auge de sua glória, mas o que surge é um dos momentos de rara introspecção do personagem.

A encabulação maior me nasce de umas coisas bestas, cuja descoberta e matutação a ginga macumbeira de Zião da Gameleira começou a me despertar. Uma virada no destino, na vida andeja deste aqui. Um absurdo que Zião, sem querer, acabasse me levantando dúvidas bestas. É que fiz trinta anos e pensei coisas de minha vida. E na continuação da besteira, atacado pelas últimas guinadas da polícia que atende as famílias da cidade sobre o barulho dos meus esporros nas bocas; difamado pelos jornais, revistas, televisão... Sou chamado às conversas comigo mesmo. (ANTÔNIO, 2002, p. 150).

A constatação da solidão e a análise da própria condição apontam momentos de reflexão e profunda introspecção: “a gente não é ninguém, a gente nunca foi. A gente some, apagado, qualquer hora dessas, em que a polícia ou outro mais malandro nos acerte” (ANTÔNIO, 2002, p. 150). A fragilidade que antes estava ocultada pela virilidade vai despontando timidamente.

A solidão se torna a fragilidade de Paulinho: “a gente pensa que está subindo muito nos pontos de uma carreira, mas apenas está se chegando para mais perto do fim. E como percebo, de repente, quando estou sozinho” (ANTÔNIO, 2002, p. 150). Essa solidão desencadeia no personagem uma percepção mais profunda sobre sua vida e suas escolhas, além de um contato íntimo consigo mesmo, algo incomum para o personagem.

A representação social do homem de verdade garante aos homens muitas dificuldades, entre as quais se destacam as restrições para estabelecer as relações de intimidade. Isso porque ela não estimula nem promove a melhoria da comunicação emocional masculina. Pelo contrário, alimenta-se do silêncio ou da comunicação monossilábica do indivíduo consigo mesmo. (NOLASCO, 1996, p. 27).

Sensações com que Paulinho não sabe lidar, primeiro por não ter se permitido experimentar antes; segundo que, para se desvencilhar desses sentimentos, procura se embriagar ou fumar maconha, sempre recorrendo a fugas, até que percebe que esquecer ou desviar o foco não resolve as coisas: “uma parada sem jeito, ô encabulação! Agora a briga não é com ninguém, não. O pior de tudo, o espeto é que eu mesmo estou me desacatando e me dando um esporro [...]. Eu acho que ando muito cansado” (ANTÔNIO, 2002, p. 150). O cansaço causado pelo fardo da virilidade.

Os novos planos de Paulinho reafirmam o bandido ganancioso de sempre, mas também mostra a face de um homem fragilizado, ainda assim, alguém que se esconde atrás dos próprios preconceitos e trata mulheres com rispidez e arrogância a fim de permanecer em seu posto inabalável.

Os olhos verdes de Paulinho duma Perna Torta. Boto doçura na preta, sei como é mulher. Falo baixo, os olhos na cara dela (...) Lá vai Elisa do Pandeiro, preta de muito rabo, com esse andar balangado. Para mim, não quero cama com ela não. Dizem que Elisa anda com uma nota alta, muito bem enrustida, possuindo um bordel escondido lá em Mogi das Cruzes. Elisa é escura, é um tição. Mas se essa história de grana alta for quente eu arrisco uma pegada nela. Para lhe tomar tudo. (ANTÔNIO, 2002, p. 153-154).

Ainda melancólico, o arrependimento chega como sinal de enfraquecimento do personagem. Já sem perspectivas, desabafa: “estou com tóxico no caco e uma ideia besta me passa – talvez eu devesse ter ficado com a magrela e as namoradinhas do comércio das lojas do Bom Retiro. Ou tirado Ivete da vida” (ANTÔNIO, 2002, p. 155). Não é apenas o fracasso dos investimentos que o afligem, mas a disfunção com a própria masculinidade que o corrói. Seguir os conselhos de Laércio levou

Paulinho àquela condição. Não saberia viver de outra forma, aspirou, lutou e alcançou, mas e a satisfação pessoal? Era dono de muito, mas sentia-se como se não tivesse nada.

Seria ingênuo pensar que as mentalidades mudaram radicalmente, pois isso leva tempo e, como se pode atestar, apesar das profundas transformações ocorridas nas últimas décadas no que diz respeito à relação entre os sexos, os simbolismos ou representações de gênero (em especial do masculino) ainda não sofreram grandes mudanças. (RAMOS, 2000, p. 56).

Ao final, reforça o estereótipo que se cria em torno da personagem: a imagem do homem forte, robusto, viril: detentor de poder e prestígio social, mas consciente, nada daquilo pertencia a ele, era só mais um em um espaço que não era dele, pelo menos não se sentia legitimado, afinal segue trocando de esconderijos e procurando vantagens para compensar o desassossego intermitente: “mas não vou parar. Atucho-me de tóxico e me aguento. Para final, tenho ainda a grana e Maria Princesa é uma boneca” (ANTÔNIO, 2002, p. 156). Poder, força e dinheiro, “um homem de verdade”, completo em desordem e insatisfação.

Considerações finais

Em 1976, João Antônio afirmava algo sobre como um homem necessita ter alguma grandeza, ter seu momento de Homem: “meu único medo é passar pelas coisas e não vê-las”, dizia. É possível que, ao reparar nisso, tenha enxergado em seus personagens a capacidade de torná-los representantes de tantos homens reais.

Paulinho Perna Torta seguiu rigorosamente tudo o que seu mentor Laércio Arrudão o instruiu sobre como ser um “homem de verdade”, da mesma forma como tantos meninos são ensinados a se tornar machos, algo que na narrativa resulta em um homem frio, viril e violento. Paulinho se torna um bandido que, mesmo possuindo dinheiro e poder, sente-se incompleto e vazio, alguém que se perdeu completamente na busca ilusória de se tornar um “homem de verdade”, afinal, no fim dessa trajetória, é como questiona o *rapper* brasileiro Criolo nos versos da canção *Lion Man* (2011): “quem é mais ou menos homem?”.

O conto Paulinho Perna Torta (Um conto da Boca do Lixo), de João Antônio, possibilita a visualização das articulações do discurso da masculinidade hegemônica por meio de ensinamentos e retrata na ficção a construção social de um perfil masculino estereotipado, que desumaniza indivíduos ao reprimir emoções, definindo o alto da hierarquia das relações de poder nas categorias de gênero, garantindo o poder e os privilégios à masculinidade hegemônica ainda garantida através da violência, excluindo quaisquer sexualidades dissidentes. Textos como esse conduzem a reflexões extremamente importantes e revela as tessituras da

virilidade e da violência por meio do discurso, o que contribui para a construção ficcional das sexualidades.

OLIVEIRA, M. F. The refuse of life and the poetics of virility: the social construction of hegemonical masculinity in João Antônio's work. **Itinerários**, Araraquara, n. 48, p. 203-218, jan./jun. 2019.

■ **ABSTRACT:** *The present study aims to contribute to the discussions and reflections on the fictional construction of sexualities in Brazilian literature. The contribution of this work is given through considerations about how aspects of the social construction of hegemonic masculinity in the work of writer João Antônio are verified. This is a study of the short story "Paulinho Perna Torta", a text integrated with the work "Leão de Chácara", the writer's second book, published in 1975. The narrative takes place in Boca do Lixo, São Paulo, in the 1950s, and exposes the trajectory of the narrator-character of the same name, from the beginning of their formation to adulthood, which allows us to verify in the experience and behavior of the character elements that contribute to the formation of a masculine profile that is based on the expression of virility and violence as (re) affirmation of the very condition of marginalized man. Paulinho Perna Torta is one of the most expressive characters in the work of João Antônio, so we developed this research conducted by the researches of authors of gender and sexuality such as Connell & Pearse (2015), Nolasco (1996), and Baubérot (2013), which contribute to provide an argumentative basis for this work.*

■ **KEYWORDS:** *Brazilian literature. Fictional construction of sexualities. João Antônio. Masculinities.*

REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, João. **Leão de Chácara**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: COURTINE, Jean-Jacques (Org.). **História da virilidade**. vol. 3: a virilidade em crise?. Tradução de Noéli C. de Melo e Thiago A. L. Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 189-220.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kuhner – 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: NVersos, 2015.

COURTINE, Jean-Jacques. Robustez na cultura: mito viril e potência muscular. *In*: COURTINE, Jean-Jacques. (Org.). **História da virilidade**. vol. 3: a virilidade em crise?. Tradução de Noéli C. de Melo e Thiago A. L. Florêncio. Petrópolis: Vozes, 2013.

CRUZ, Adélcio Souza. **Narrativas contemporâneas da violência**: Fernando Bonassi, Paulo Lins e Ferréz. 2009. Tese (Doutorado em Letras: Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, UFMG, 2009.

KALIFA, Dominique. **Virilidades criminosas?** *In*: COURTINE, Jean J. (org). *História da Virilidade: a virilidade em crise?*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

LION man. Intérprete: Criolo. Compositor: K. Cavalcante Gomes. *In*: NÓ na orelha. Intérprete: Criolo. São Paulo: Oloko Records, 2011. 1CD, faixa 9.

MACEDO, Tânia. **Malandros e merdunchos**. *In*: ANTÔNIO, João. Leão de Chácara. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

MARTIN, Vima Lia. **Literatura e Marginalidade**: um estudo sobre João Antônio e Luandino Vieira. São Paulo: Alameda, 2008.

NOLASCO, Sócrates. **A desconstrução do masculino**: uma contribuição crítica à análise de gênero. *In*: NOLASCO, Sócrates. (Org.) *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

RAMOS, Marcelo Silva. Um olhar sobre o masculino: reflexões sobre os papéis e representações sociais do homem na atualidade. *In*: GOLDENBERG, Mirian. (Org.). **Os novos desejos**: das academias de musculação às agências de encontros. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SILVA, Telma M. **Posta-restante**: um estudo sobre a correspondência do Escritor João Antônio. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Assis, 2009.

WELZER-LANG, D. **A construção do masculino**: dominação das mulheres e homofobia. Estudos Feministas, 2001.

